

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

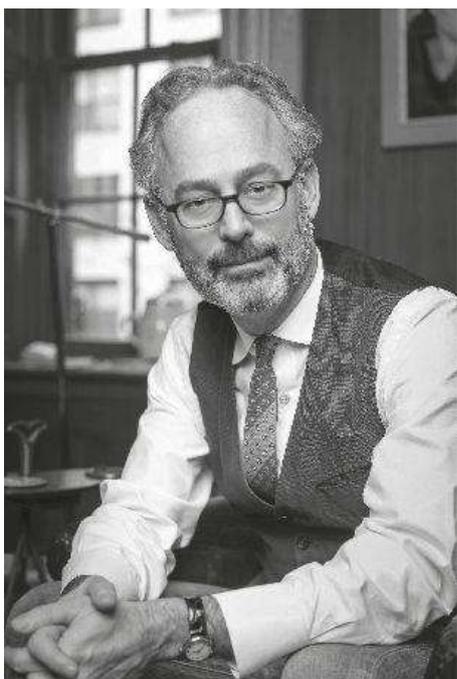
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Outubro 2019

GUIA DE LEITURA

Um Gentleman em Moscovo – Amor Towles



Amor Towles

Biografia: Nascido e educado em Boston, Amor Towles formou-se na Universidade de Yale e tirou um mestrado em Inglês na Universidade de Stanford.

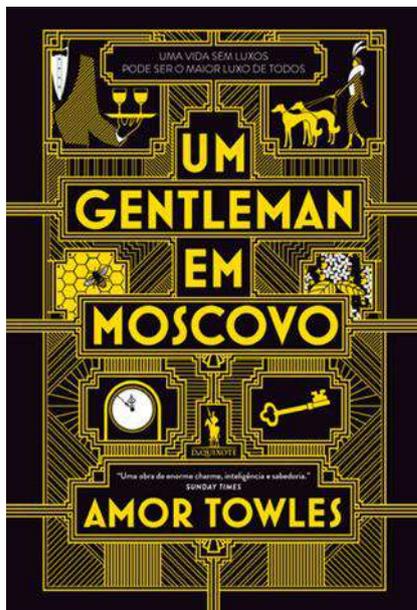
O primeiro romance do autor, *Rules of Civility*, foi publicado em 2011. Bestseller do New York Times, foi nomeado um dos melhores livros do ano pelo Wall Street Journal. Traduzido em mais de 15 línguas, viu os seus direitos de adaptação para o cinema comprados pela Lionsgate.

Um Gentleman em Moscovo, o seu segundo romance, foi publicado em 2016, e durante 40 semanas permaneceu na lista dos livros mais vendidos do New York Times. Foi considerado o melhor livro do ano pelos jornais *Chicago Tribune*, *Washington Post*, *Philadelphia Inquirer*, *San Francisco Chronicle*, e pela NPR, a principal estação de rádio norte-americana. Está a ser traduzido em mais de 20 línguas.

No verão de 2017, os seus direitos de adaptação para a televisão foram comprados pela produtora EOne.

Tendo trabalhado como investidor durante cerca de 20 anos, atualmente Amor Towles dedica-se apenas à escrita. Vive em Manhattan, com a mulher e os dois filhos.

Sinopse de *Um Gentleman em Moscovo*:



Por causa de um poema, um tribunal bolchevique condena o conde Aleksandr Rostov a prisão domiciliária. Ficarà retido, por tempo indeterminado, no sumptuoso Hotel Metropol. A prisão pode ser dourada. Mas é uma prisão. Estamos em Junho de 1922. Despejado da sua luxuosa suíte, o conde é confinado a um quarto no sótão, iluminado por uma janela do tamanho de um tabuleiro de xadrez. É a partir dali que observa a dramática transformação da Rússia. Vê com tristeza os magníficos salões do hotel, antes animados por bailes de gala, serem agora esmagados pelas pesadas botas dos camaradas proletários. E vê-se obrigado a negociar a sua sobrevivência, num ambiente subitamente hostil. Aos poucos, porém, o aristocrata descobre aliados no hotel, com quem partilha o seu amor pelo belo – e a defesa de valores morais que nenhuma ideologia poderá vergar. Faz-se amigo do chef, dos porteiros, do barbeiro, do encarregado da garrafeira, e com eles conspira para devolver ao Metropol a sua antiga e majestosa glória. Ao mesmo tempo, toma sob a sua

proteção uma menina desamparada, a quem provará que a vida não se resume à luta de classes. Amor Towles oferece-nos um dos mais requintados (e melancólicos) romances dos últimos anos. Uma obra épica, habitada por uma galeria de personagens inesquecíveis e servida por uma escrita de uma elegância cada vez mais rara nas letras contemporâneas.

Todo o luxo ou uma irónica provocação

[Isabel Lucas](#) 16 de Fevereiro de 2018, Público

Com um milhão de exemplares vendidos nos EUA, o segundo romance de Amor Towles chega a Portugal com a recomendação de Obama e o rótulo de grande entretenimento. O autor diz que não é só isso. *Um Gentleman em Moscovo* tem as marcas da grande literatura, diz ele.

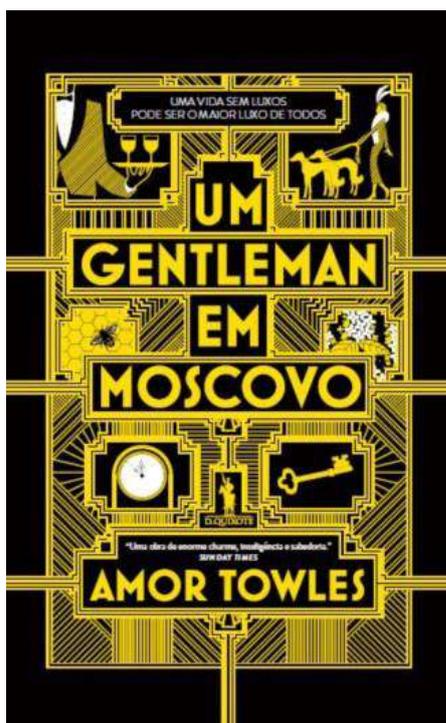


É um nome a conquistar cotação entre as elites americanas e tanto aparece nas páginas de literatura dos grandes jornais como nas de decoração ou imobiliário, graças à sua mais recente casa em Gramercy Park, Nova Iorque

Amor Townsend está farto da observação. “O meu nome é sempre tema quando falo com espanhóis, italianos, portugueses e mesmo franceses”. Isto porque pelo menos lhe perguntam como se pronuncia em inglês. “É Aimer”, diz; “por favor, chame-me Aimer”, e repete um som onde a segunda vogal quase desaparece e a tónica concentra-se no A inicial. O escritor surge no ecrã sem a pose do costume. Não traz gravata, nem laço, nem lenço ao pescoço. O *blazer* e os mini-óculos com que usualmente se deixa fotografar desapareceram. Parece mais descontraído na camisa e *pullover* azuis. O nova-iorquino bem-sucedido no mundo financeiro que decidiu ser apenas escritor não aparece nesta conversa com a pose quase aristocrata de outras entrevistas, uma imagem que cola com a

literatura que pratica e que é apelidado de *gourmet*, entretenimento, de uma elegância de palacete, a piscar o olho a Scott Fitzgerald e com um pé na Europa de oitocentos início do século XX.

Desconhecido em Portugal, é um nome a conquistar cotação entre as elites americanas e tanto aparece nas páginas de literatura dos grandes jornais como nas de decoração ou imobiliário graças à sua mais recente casa em Gramercy Park, em Nova Iorque. Esqueçam-se os rótulos por agora. Ele é um escritor à sua secretária com uma enorme estante de livros, envidraçada por detrás a contar como lhe aconteceu a escrita e um sucesso que, ao primeiro livro, foi traduzido para 15 línguas. No ano passado lançou o segundo, vendeu um milhão de exemplares nos Estados Unidos e dobrou as traduções: 30.



“Os meus amigos de infância e de juventude ficaram surpreendidos quando fui parar ao mundo do investimento financeiro. Tinham presumido que eu iria passar a vida a escrever. Mas, entretanto, cheguei a Nova Iorque e juntei-me a um amigo que tinha começado uma firma de investimento e trabalhámos juntos durante 20 anos. Essa firma continua a existir, tem cem empregados, está com saúde. Ao longo desses 20 anos, nos primeiros dez não escrevi ficção porque estávamos a construir a companhia, mas assim que as coisas ganharam uma certa dimensão, recomecei e um dia fui falar com o meu sócio e disse-lhe que adorava o meu emprego, que era fantástico, mas aquele era o sonho dele. Era tempo de eu ir atrás do meu sonho.”

Aconteceu em 2011, quando publicou *Rules of Civility*. A protagonista é uma rapariga que vive na

Manhattan de finais dos anos 30, ambiente marcado pelo jazz e pela ambição de subir na escala social e económica. Amor Towles escreveu o livro quando ainda tinha o emprego. Foi um *bestseller*. Na Primavera de 2017 saía *Um Gentleman em Moscovo*. Nele, um conde é condenado a prisão domiciliária depois da revolução bolchevique. O motivo? Um poema de interpretação dúbia que escrevera anos antes e a sua postura em tribunal vista como desafiadora dos princípios revolucionários. Como vivia num hotel de luxo no centro de Moscovo, o Conde (aparece sempre assim, com letra maiúscula, porque era assim que o tratavam no hotel) deveria permanecer no edifício. Trocava apenas de aposentos. Em vez da grande suite com vista para a enorme praça, teria direito a um pequeno quarto no sótão. No tribunal disseram-lhe ainda que dali para a frente, e por tempo indeterminado, a sua vida decorreria sem incidentes se cumprisse uma única regra: não sair do hotel. “... se puser o pé fora do Metropol, será abatido.” É esta a frase determinante para a acção de *Um Gentleman em Moscovo*, o segundo romance de Amor Towles que acaba de sair em Portugal na D. Quixote.

Há alguns livros de entretenimento que não se querem ler uma segunda vez, e se puserem dez pessoas numa sala não há muito a dizer sobre eles. Não creio que isso seja verdade em relação aos meus livros - Amor Towles

O conde chama-se Aleksander Rostov e, garante o escritor, não é baseado em ninguém. “É completamente ficcional. Não conheço nenhum aristocrata que tivesse sido condenado a prisão domiciliária.” Rostov é o protagonista de um romance que se passa dentro de um edifício quando o exterior vive momentos conturbados. O Conde vai sabendo das mudanças não apenas pela decadência do hotel, mas também pela mudança drástica dos seus hóspedes e visitantes. São eles a dar a Towles motivo para pôr em prática o que já tinha demonstrado dominar no romance anterior: os hábitos sociais, gastronómicos, de etiqueta e gosto artístico das elites.



Como nasceu então Rostov? “Apesar de não conhecer nenhuma pessoa com aquelas características, o facto é que a condenação a prisão domiciliária era comum na Rússia ao longo de centenas de anos. Existiu no tempo dos czares, no período soviético, há versões disso agora. Por outro lado, muitos americanos não têm noção de que uma parte importante da nobreza, da aristocracia, permaneceu na Rússia depois da revolução e continuou a viver a sua vida, correndo riscos ou de um modo muito constrangido, mas tinha emprego, famílias.”

Sabendo isso e querendo que a sua história se passasse na Rússia, focou-se no indivíduo, inventando-o, como já inventara a jovem e ambiciosa mulher da Manhattan dos anos 30 em *Rules of Civility*. No romance anterior a narrativa é na primeira pessoa na perspectiva de uma mulher de 25 anos de origem popular. No segundo romance o Conde é narrado na terceira pessoa. “Em *Um Gentleman em Moscovo* 90 por cento da narrativa é extensão da personalidade do Conde”, refere, sublinhando a diferença “enorme” que foi estar num e noutro registo. “Isso faz parte da atracção da escrita. Este homem e a mulher anterior são opostos; estão na fronteira um do outro; uma jovem mulher, operária, e um homem a perder estatuto social e económico. Quando se tem uma história diferente, tem-se uma perspectiva diferente e cada aspecto do processo criativo tem de mudar. O tom terá de ser diferente, a estrutura das frases, a escolha das palavras, o ritmo, os detalhes de observações, tudo é enformado pela tal personalidade. A personagem principal de *Rules of Civility* é esperta e razoavelmente bem formada, mas nunca teve o tipo de ponto de vista privilegiado do Conde.”

Um admirador dos russos, do realismo mágico, de Fitzgerald e Hemingway, Henry James e Wharton, de Whitman e Melville, de Conrad e William Faulkner, e do *noir* americano

Towles, de 53 anos, cabelos ondulados grisalhos, fala num tom pausado, olha em frente sem hesitações. Está habituado a que o confrontem com a sua escrita que resultou num imediato sucesso. Ele não estranha. “Escrevo ficção desde criança. Escrevia no liceu, na universidade... Ao longo de uns 35 anos andei sempre à volta com ideias que achava que podiam dar boas histórias. Nalguns casos cheguei a escrever 30 ou 40 páginas preenchidas com notas. Até ter uma noção da história. O que daria, onde se situaria, quem seriam as pessoas que a povoariam, geralmente”, e sempre em temas em que se sente à vontade ou lhe interessam. Por isso refere que não fez nem faz pesquisa. “Desde miúdo que era fã da América dos anos 20 e 30. Li os livros, vi os filmes, estudei a arte, ouvi a música ao longo de 30 anos e mantive o fascínio. Por isso tive a ideia de escrever sobre uma jovem em 1938. Pareceu-me um lugar muito natural para construir a história porque adoro o cenário e posso criar tudo o que me interessa nessa área. O mesmo acontece em *Um Gentleman em Moscovo*. Interessei-me pela literatura russa em adolescente, começando com os grandes escritores russos do século XIX, Tolstoi, Dostoievski, Turgeniev, Tchekhov, Gogol; mas com o tempo interessei-me também pela *avant-garde* russa durante a I Guerra Mundial e, no período soviético e mais uma vez ao longo de 20 anos, fiz uma imersão na história e cultura russas”, conta, centrando-se agora no momento em que a história lhe surgiu. “Estava num hotel em Genebra e achei que seria interessante escrever um livro acerca de alguém fechado num hotel.

Tomou notas, sabia que queria que a história se passasse na Rússia, mais uma vez devido a esse grande interesse e familiaridade com a arte russa. “Não teria escolhido essa história se já não tivesse um enorme interesse nesse tempo e nesse lugar”, confessa.

Havia, no entanto, um grande desafio: equilibrar essa espécie de clausura com os acontecimentos sociais e políticos do mundo exterior. Para isso criou uma espécie de voz que se faz sentir a espaços e dá a contextualização. “Como pegar numa narrativa que era muito mais sobre a personalidade deste Conde num ambiente luxuoso, uma pessoa intrinsecamente optimista, simpática, e sendo fiel ao seu tom e à sua experiência fazer alguma justiça ao tumulto que foi o período soviético? Era a pergunta que ecoava. Ele, perante a II Guerra Mundial ou as purgas ou as carências de todo o tipo. Se quisesse contar a história da falta de bens essenciais na Rússia, não o poderia fazer através de uma personalidade como a do Conde. O meu objectivo não era fazer uma nova versão do Gulag porque o Conde não era a pessoa certa para contar essa história. A minha função foi contar a história do Conde e ver como eu poderia combinar as duas coisas de forma a que isso funcionasse com a esfera da acção.”

Os [meus] dois romances são enganadoramente de entretenimento. Dickens também é assim. Como Calvino, algumas coisas de Tolstoi e de Jane Austen. Não sou tão bom como eles, mas os livros são escritos de forma a que o leitor se possa movimentar sentindo-se, a um nível, envolvido e entretido - Amor Towles

Towles revela então essa espécie de pessoa invisível que o salvou. Se 90 por cento do livro é narrado numa terceira pessoa fiel à perspectiva do Conde, o resto é contado por alguém

diferente. “Essa pessoa no início surge nas notas de rodapé e depois começa a aparecer na introdução dos anos mais importantes, como 1930, 38, 46, onde nos diz o que se está a passar”, precisa. É alguém que está para lá das paredes do hotel e o tom é muito diferente do tom do Conde, menos alheado, mais claro. “Embora não saibamos quem ele é, temos a percepção de que é muito mais cínico do que o Conde, tem uma experiência muito mais directa com as alterações do período soviético.” Com essa voz o leitor vai sabendo de outras personagens, conhece Nina, que acaba por seguir o marido e ir para a Sibéria, ou Michka, que está a voltar de um campo de prisioneiros em 1946.”

A invisibilidade desta voz traz ao livro o tal equilíbrio que Towles pretendia em contraste com o alheamento e a sumptuosidade, cada vez mais falsas, de uma vida que se está a desfazer como um tecido velho.

“No primeiro esboço do livro, a pessoa que escrevia as notas de rodapé era uma personagem que aparecia no livro pela página 350. O Conde estava no bar do hotel e a voz das notas apresentava-se na primeira pessoa. Ao rever esse esboço senti, em conjunto com o meu editor e outro amigo, que essa personagem estava a desviar a história. A minha decisão foi removê-la, matá-la, em parte por que me dei conta de que não precisava dela. A voz das notas de rodapé seria suficientemente forte.”

Como o livro anterior, este também demorou três anos e meio a ser escrito: ano e meio para o primeiro esboço, dois para as revisões. E a certeza de que tinha tomado a opção certa. Ser escritor. “A minha decisão de me dedicar a tempo inteiro à escrita não foi assim tão arriscada. Quando saí, tinha poupanças, um *bestseller* e um contrato pago para o livro seguinte. Por isso não se pode nem sugerir que tenha existido qualquer espécie de coragem na minha decisão. Escrevi esses dois livros sem pensar no mundo fora de mim. Escrevi-os para mim, por mim. Essa foi uma grande vantagem”, salienta este admirador dos russos, do realismo mágico, de Fitzgerald e Hemingway, Henry James e Wharton, de Whitman e Melville, de Joseph Conrad e William Faulkner, e do *noir* americano, e que há 14 anos tem uma espécie de clube de leitura. “Somos quatro amigos, todos escritores publicados. Lemos um romance por mês. No ano passado lemos dez romances de Philip Roth e este ano estamos a ler os livros de Toni Morrison. Depois encontramos-nos e ao longo de cinco horas discutimos esse livro que lemos. Todos somos escritores publicados.”

Amor Towles conta tudo isto como para justificar um longo percurso e conhecimento e torcer o nariz a muitos críticos que descrevem este romance como um livro para entreter. “Concordo ligeiramente”, afirma. Porquê ligeiramente? “Os dois romances são enganadoramente de entretenimento. Dickens também é assim. Como Calvino, algumas coisas de Tolstoi, e de Jane Austen. Não estou a dizer que sou tão bom como eles, mas os livros são escritos de forma a que o leitor se pode movimentar sentindo-se, a um nível, envolvido e entretido. Mas quanto mais se aplica e deixa os seus pensamentos e considerações fluírem, mais o livro lhe pode dar. Há alguns livros de entretenimento que não se querem ler uma segunda vez e se puserem dez pessoas numa sala não há muito a dizer sobre eles. Não creio que isso seja verdade em relação aos meus livros.”

O romance que se tornou incontornável: Um Gentleman em Moscovo

João Céu e Silva, 03 Fevereiro 2018 (Diário de Notícias)

O romance começa com uma introdução que explica ao leitor ao que vai: o regresso de um aristocrata contestatário do regime que o czar impunha na Rússia através de um poema que escrevera em 1905 e incitava intelectualmente ao levantamento político. Passados uns anos e um exílio, o conde Aleksandr Ilitch Rostov regressa à Rússia pós-Revolução 1917 e hospeda-se no Hotel Metropol, de onde vislumbra as alterações políticas que o novo regime impõe. Fáz-lo durante quatro anos, momento em que é chamado às autoridades para responder a um interrogatório sobre a estranheza da sua nova vida russa. O facto de ter bons padrinhos impede que lhe aconteça algo pior do que perder o direito a um quarto de enormes dimensões e passar a ficar hospedado num esconso. Deixa de poder passear pelos seus aposentos, de admirar os painéis decorativos e os lustres de grande beleza, mas tem outra vantagem, a pequenez do lugar em que os bolcheviques o depositaram permite-lhe ouvir os próprios pensamentos. Longe da louça de Limoges herdada da avó, bem como de todos os seus livros, resta-lhe um entre os muitos que possuía. Finalmente, iria ter tempo para uma leitura sempre adiada, a de os Ensaios, de Michel de Montaigne. Logo que inicia o contacto com o volume descobre que melhor não há do que estes 107 ensaios sobre os temas Constância, Moderação, Solidão e Sono, e considera que Montaigne os escrevera "tendo em mente as noites de inverno". A partir desse momento, a observação interior do mundo vai mudar para o conde e, num impulso, enquanto sentado na cadeira do barbeiro, decide romper com as regras que pautam a conduta de um aristocrata e ordena que lhe rapem o cabelo todo. Tal como vai conviver com crianças, fazer novos amigos, usar um martelo, fazer truques de cartas e, entre muitas outras mudanças da sociedade, deixar de ser tratado por excelência.

O que tem este romance de quinhentas e tantas páginas que o façam merecedor de atenção entre os milhares que são publicados todos os anos em Portugal? Começemos pelo título: Um Gentleman em Moscovo. O autor? Amor Towles... O que disse a crítica norte-americana sobre ele? De início nada porque o volume foi publicado sem qualquer empurrão de marketing editorial em 2016. Estranhamente, um ano depois foi considerado um dos mais surpreendentes best-sellers pois por si próprio vendeu mais de 800 mil exemplares e tornou-se um sucesso inesperado que, então sim, gerou textos de análise por parte de quem nos EUA se preocupa com a Literatura. Foi o caso do artigo publicado na Slate Book que tinha por título O que aconteceu [na literatura] em 2017? e dava como resposta o romance Um Gentleman em Moscovo. Entretanto, já foi traduzido em 28 países, da Albânia a Taiwan, enquanto a imprensa lhe ia dando mais atenção: "Uma hábil síntese moderna da história da Rússia", disse a Kirkus; "Escrita elegante, personagens deliciosas e uma forma engenhosa de contar histórias", referiu o Mail on Sunday.

Pode dizer-se que Amor Towles não é o escritor tipo, afinal trabalhou durante duas décadas como investidor - mesmo que tenha tirado um mestrado em Inglês na Universidade de Stanford - e só recentemente se dedicou a tempo inteiro à escrita. É certo que em 2011 publicara um primeiro romance, com críticas muito boas. Agora, com edição portuguesa a sair na próxima terça, e com uma ótima tradução de Tânia Ganho, é hora de o descobrir.

Um Gentleman em Moscovo, de Amor Towles

Paulo Serra, 6 Abr 2018 - (Caderno Cultura.Sul de Abril)

A rubrica *Leitura da Semana* é publicada semanalmente à terça-feira; Paulo Serra é doutorado em Literatura na Universidade do Algarve e investigador do CLEPUL.

Recomenda-se vivamente este livro da Dom Quixote que, curiosamente, foi publicado com uma requintada edição de capa dura, o que não é apanágio usual da editora (a não ser em edições especiais de algumas das mais recentes obras de António Lobo Antunes), além do uso da cor dourada sobre um fundo negro. Amor Towles nasceu em Boston, formou-se em Yale e o seu primeiro romance, publicado em 2011, foi considerado como um dos melhores livros do ano pelo Wall Street Journal, traduzido para mais de 15 línguas e foram comprados os direitos de adaptação ao cinema. Este segundo romance, publicado em 2016, permaneceu 40 semanas no top de vendas do New York Times. Considerado o melhor livro do ano por diversas publicações e com os direitos de adaptação à televisão comprados em 2017, percebe-se o furor que o livro tem provocado. O escritor trabalhou durante 20 anos como investidor e dedica-se agora exclusivamente à escrita.

No dia 21 de Junho de 1922, o Conde Aleksandr Ilitch Rostov comparece no Kremlin perante a Comissão de Emergência do Comissariado do Povo para os Assuntos Internos, como que acusado de viver luxuosamente em tempos de mudança, onde a «classe ociosa» já não tem lugar nem um papel útil à sociedade. Perante o sonante nome desta personagem, somos transportados para as páginas dos livros de Tolstoi ou Dostoiévski, contudo, o que predomina desde as primeiras páginas não é uma alma torturada pela época, mas sim uma alma livre, espirituosa, irreverente (ou não se sentisse dono do mundo onde vive) e que vive de forma mais ou menos diletante no luxuoso Hotel Metropol, com hora marcada todas as semanas no barbeiro, tendo prioridade perante quem já lá está, e tomando as suas refeições no restaurante Boiarski, onde o cozinheiro se permite indignar perante a capacidade do Conde conseguir detectar quais os ingredientes pobres que têm de ser utilizados como substitutos numa boa receita em tempos de carestia e de frugalidade.

Há uma passagem que retrata bem o espírito desta leitura, como um libelo contra os tempos que se vivem:

«É bem verdade que um homem pode sentir-se completamente desfasado do seu tempo. Um homem pode ter nascido numa cidade famosa pela sua cultura idiossincrática e, no entanto, não compreender minimamente os hábitos, modas e ideias que exaltam essa cidade aos olhos do mundo. Avança pela vida fora, olhando à sua volta num estado de desconcerto, sem compreender as tendências, nem as aspirações dos seus pares.» (p. 107)

O humor e a ironia são claramente actuais: «embora os duelos tenham surgido como resposta aos crimes graves – deslealdade, traição e adultério -, em 1900 já tinham descido as escadas da razão em bicos dos pés e eram travados por causa da inclinação de um chapéu, da duração de um olhar ou da posição de uma vírgula.» (p. 60) O que não belisca o prazer da leitura nem diminui a perícia do autor no reviver e reconstruir de uma época. Aliás, as próprias notas do autor que surgem em rodapé são feitas na primeira pessoa do plural, como um “nós, os russos” que interage directamente com o leitor a partir do período retratado no livro. Esta é uma época dourada que está irrevogavelmente no seu ocaso e fazem do Conde Aleksandr um último sobrevivente. Ou talvez ainda haja surpresas?

O que é certo é que este nosso herói, mesmo quando se vê forçado a viver o resto da sua vida no hotel, não esmorece na compostura de um digno cavalheiro nem perde o sentido de humor ou o gosto pela vida nos gestos e acções mais simples. A intriga tem alguns saltos narrativos que nos fazem acompanhar a sua vida no Hotel Metropol primeiro como um solteiro bon vivant e depois como pai adoptivo da filha de uma jovem com quem travou amizade quando ela própria ainda era criança.

O livro que é um jantar de luxo e Obama recomenda

12.02.2018 (Sábado) por [Rita Bertrand1](#)

Se fosse chef, Amor Towles andaria a disputar estrelas Michelin. O seu *Um Gentleman em Moscovo*, na lista dos melhores do ano de Obama, é um autêntico menu de degustação literária - agora em português



Allison Michael Orenstein/Contour by Getty Images

Tinto ou branco - é tudo o que se pode pedir, a acompanhar as iguarias do chef Emile, baixote de mau génio e mão prodigiosa na cozinha, no salão do Boiarski, o refinado restaurante do Hotel Metropol, em frente ao Kremlin, onde o conde Rostov mora - em prisão domiciliária: não fosse ele autor de um poema marcante da aurora revolucionária e teria sido executado pelos bolcheviques, por ser da aristocracia, naquele mesmo Verão de 1922.

Poupado, pois, à morte, mas não à clausura, no mesmo edifício onde antes vivia, obrigado a mudar-se da suite habitual para um minúsculo quarto no sótão, passa um ano - e mais de 150 páginas - quando tal disparate (não inverosímil se pensarmos que tudo se passa numa Rússia a tornar-se, com a ascensão ao poder dos camaradas proletários e a subsequente guerra civil, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) acontece: recebida uma queixa sobre a carta de vinhos do hotel, "um monumento aos privilégios da nobreza, à esterilidade da intelligentsia e aos preços predatórios dos especuladores", o regime manda arrancar os rótulos a todas as garrafas - mais de mil, de castas como Riesling e Sauvignon Blanc, Chardonnay ou Syrah - da adega do Metropol. Uma tragédia, sem dúvida, mas que o Conde converterá em desafio.

História sobre a capacidade de adaptação do homem à adversidade, *Um Gentleman em Moscovo* é como um menu de degustação de um restaurante com estrela Michelin: com muitos pratos, para ir saboreando lentamente, e devidamente harmonizados com o vinho certo. Acontece que os pratos são capítulos, cada qual com os seus aromas, pessoais, elegantes como o seu protagonista, mesmo quando os ventos adversos da revolução tornada ditadura ameaça neutralizar todos os outros.

No início dominam as rotinas (os degraus, as leituras, as refeições a horas certas e assim por diante), misturando deliciosas descrições de cada recanto, até sentirmos que conhecemos aqueles interiores como ao nosso próprio bairro, com diálogos mais ou menos casuais com as outras personagens - do barbeiro ao chef e a amigos como Nina, uma menina de nove anos que não vai à escola e mal sai do hotel, e Mischka (ou Mikhail Fiodorovitch), ex-colega da universidade que o vai visitando e actualizando: é através dele que o Conde e os leitores vão vendo a História da Rússia do século XX a avançar. Depois vêm as surpresas, o amor, outra menina, a Segunda Guerra Mundial... e um desfecho de sorriso nos lábios.

No entanto, o que torna único *Um Gentleman em Moscovo*, publicado na América de Towles em 2016 e agora em edição portuguesa, e apelativo para todos os apreciadores da boa vida, homens e mulheres, e também para Obama, que o colocou na lista dos 12 livros de que mais gostou em 2017, é a sua elegância, o modo como demonstra que há muito mais no vinho além de ser branco ou tinto e que a diferença reside nos detalhes: não por acaso, é um prato de autor, uma "perca inteira assada com azeitonas pretas, funcho e limão", e não um peixe qualquer, o que o Conde e Anna comem, na primeira refeição partilhada, na suite dela, depois de ele a descrever como uma actriz alta como um salgueiro - que no próprio salgueiro se torna (antes de se tornar na encarnação do amor) pela arte da metáfora, recurso trabalhado como filigrana pelo escritor, que nos coloca na cabeça do protagonista sem ter de o pôr à secretária, isto é, sem recorrer à narrativa na primeira pessoa, e ainda assim consegue expressar os seus pensamentos, emoções e infundáveis referências literárias, próprias de um "cavalheiro educado" como ele, que se fez homem a ler e nunca trabalhou.

Isso mudará: a revolução há-de torná-lo criado. Mas a elegância, estrutural no Conde, para quem, em circunstância nenhuma, se pode servir espargos sem o utensílio certo, permanecerá intacta ao longo dos 35 anos que dura o livro, um imponente volume de 542 páginas, com estrutura clássica de prólogo, cinco parte e epílogo, para saborear como um banquete de luxo. Tal como um bom vinho guarda prazeres particulares aos enófilos mais convictos, o livro traz interesse acrescido ao leitor que, por exemplo, conheça Dante e Virgílio e saiba que Fritz e Clara são os miúdos do Quebra-Nozes. O narrador não o revela, conta apenas que o protagonista se sente como eles, na manhã de Natal - o resto temos de adivinhar.

Com mais de um milhão de exemplares vendidos e traduzido em 28 países, mais de 40 semanas no top de *bestsellers* do *The New York Times* e em fase de adaptação a série televisiva por Tom Harper (o criador de *Peaky Blinders*), *Um Gentleman em Moscovo* não é o primeiro romance de Towles, norte-americano de 52 anos, que vive em Nova Iorque com a mulher e as filhas adolescentes. *Rules of Civility* (sem edição portuguesa), que publicou em 2011, foi um êxito, o que lhe permitiu deixar a empresa de consultoria onde esteve uma década e regressar à escrita, experimentada na juventude, na Universidade de Yale, e posta de lado por opção: "Tinha 25 anos. Não estava preparado para passar o dia no meu apartamento a escrever", explicou à revista *Book Page* em Setembro de 2016, contando que a ideia do romance (então acabado de publicar nos Estados Unidos) despontou quando estava a olhar para o lobby do luxuoso Hotel Gramercy Park, em Manhattan.

Pensou como seria viver num lugar daqueles para o resto da vida e que ninguém o escolheria: teria de ser alguém forçado a tal, portanto, pareceu-lhe óbvio que "a Rússia era o sítio ideal" para a história. Ao longo de três anos, de 2013 a 2017, deambulou pelo opulento Metropol, símbolo sobrevivente do tempo dos czares, ao estilo art nouveau, na Rua dos Teatros, em Moscovo, um microcosmos que representa o mundo, guiado pelo olhar do seu gentleman, o conde Aleksandr Ilitch Rostov, homem à moda antiga, de gostos requintados e boas maneiras, hoje em vias de extinção.

A disneyficação da História ★ ★

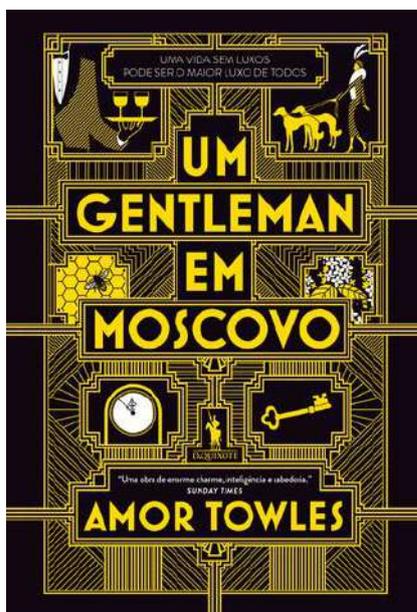
José Carlos Fernandes

Amor Towles tem um novo livro. José Carlos Fernandes olhou para o último, um romance ambientado na URSS de Estaline com um Kremlin tão luminoso como o Castelo da Cinderela. Deu-lhe duas estrelas.



A história de "Um Gentleman em Moscovo", de Amor Towles, passa-se no hotel Metropol, em Moscovo

Sovfoto/Universal Images Group via Getty Images



O romance *Um Gentleman em Moscovo* foi publicado no ano passado pela Dom Quixote. Este ano, a editora lançou *As Regras da Cortesia*, do mesmo autor

No início do século XX, o Metropol era um dos mais luxuosos hotéis de Moscovo. A sua construção, iniciada em 1899, só foi finalizada em 1907 e teve o contributo de prestigiados pintores, escultores, cenógrafos e outros mestres das artes decorativas. A Revolução de Outubro não só espantou os seus clientes estrangeiros e fuzilou ou forçou à emigração muitos dos seus clientes nacionais como, em 1918, tomou posse do Metropol, converteu-o na Segunda Casa dos Sovietes e instalou lá os seus soldados e burocratas.

Em *Um Gentleman em Moscovo*, o romance de 2016 do escritor norte-americano Amor Towles (publicado em Portugal pela D. Quixote, com tradução de Tânia Ganho), a reconversão do

Metropol não é completa e o edifício continua, parcialmente, a funcionar como hotel, com hóspedes e a burocracia soviética a cruzarem-se nos corredores — o que é uma liberdade literária perfeitamente admissível.

Entre os hóspedes que permanecem no Metropol está o Conde Rostov, que, apesar de em tempos ter exprimido num poema simpatia pela causa revolucionária, não escapa à aversão dos bolcheviques pela aristocracia: é condenado a prisão domiciliária no Metropol, mas é expulso da sua luxuosa suíte para um quarto de arrumos nas águas-furtadas. Estamos em 1922 e o romance acompanha a vida de Rostov na sua prisão dourada até 1954, mas pouco ou nada da história da URSS transparece neste romance amável e açucarado, que está para a vida em Moscovo entre a Revolução Bolchevique e o início da era Khrushchev como o filme “Bambi” está para a vida selvagem.

A sanha persecutória do bolchevismo contra os aristocratas (a “gente do passado”, na terminologia bolchevique), o frenesim de denúncias, torturas, julgamentos encenados e execuções do estalinismo (e em particular o Grande Terror de 1936-38) e a destruição e privações decorrentes da II Guerra Mundial são aludidas de forma pontual, abstrata e distanciada, e perturbam tão pouco a vida no Metropol quanto um tremor de terra na Nova Zelândia.

Enquanto milhões de ucranianos perecem numa fome criada deliberadamente por Estaline, Rostov e os seus comensais do Metropol apenas têm de esforçar-se um pouco mais para reunir os ingredientes necessários à confeção de uma rica *bouillabasse* provençal. Enquanto os nazis bombardeiam Moscovo, Rostov não prescinde da visita semanal ao barbeiro nem de repastos *gourmet* regados com vinhos finos escolhidos a dedo. E quando um homem poderoso do Partido se imiscui à força na vida de Rostov, não é para o obrigar a denunciar amigos ou para o enviar para o Gulag, mas para o convidar a que se junte a ele na leitura de Tocqueville e no visionamento privado de filmes *yankees*.

É uma amarga ironia que este tenebroso período da história soviética, que foi alvo de maquiavélicas manipulações pela propaganda bolchevique, seja agora também adulterado por Towles e convertido em mero pano de fundo para uma fantasia amável e frívola.

Porém, não se ficam por aqui as debilidades de *Um Gentleman em Moscovo*:

1. Não só a presença da história é remota e vaga como Towles não tem o talento necessário para a integrar naturalmente na narrativa. Ou remete-a para notas de rodapé (o expediente de quem não sabe transmitir informação e está a marimbar-se para a coerência da voz narrativa) ou introduz nos pensamentos e palavras das personagens preleções pedagógicas em tom enciclopédico. Logo no início do romance, para benefício do leitor que esteja tão alheado da história do século XX que creia que Trotsky é uma marca de vodka, Towles coloca (a despropósito) na mente de Rostov esta “meditação”: “Sabia melhor do que a maior parte das pessoas [que] fora em setembro de 1905 que os membros da delegação tinham assinado o Tratado de Portsmouth para pôr fim à Guerra Russo-Japonesa. Nos 17 anos desde a criação dessa paz [...] a Rússia passara por uma guerra mundial, uma guerra civil, dois surtos de fome e o chamado Terror Vermelho”.
2. O esforço constante de Towles para soar profundo e sapiente produz apenas tagarelice sentenciosa. Se, por exemplo, uma personagem faz algo tão corriqueiro e irrelevante para a narrativa como tomar um café, com a chávena, o pires e a colher, vem esta pérola de filosofia instantânea: “O café, que se sente tão à-vontade numa caneca de lata como numa chávena de louça de Limoges, consegue energizar o laborioso de madrugada, acalmar os pensativos a meio do dia e animar os espíritos dos atormentados a meio da noite”.
3. As personagens são incongruentes e pedantes e a mais irritante de todas, Sofia, exprime-se assim aos seis anos de idade: “A era da nobreza deu lugar à era do homem comum. Era historicamente inevitável”.

Um Gentleman em Moscovo foi eleito como melhor livro do ano por jornais tão respeitáveis como o *Chicago Tribune*, o *Washington Post*, o *Philadelphia Inquirer* e o *San Francisco Chronicle*, mas a distinção que melhor lhe assentaria seria o Prémio Zhdanov para a Reescrita do Passado.